

## Editorial

# Dos aportes teóricos aos estudos de jornalismo no Brasil

Jacques Mick<sup>1</sup>  
Samuel Lima<sup>2</sup>

A revisão de fundamentos teóricos é uma constante nos estudos de jornalismo. Como atividade que se revela mutante ao longo do tempo e algo diferente em cada território, porque ajustada às condições socio-históricas de sua constituição, o jornalismo é mesmo um tema desafiador, resistente a interpretações normativas ou de qualquer outro modo restritivas. Prática coletiva em invenção permanente, o jornalismo é um objeto fugidio, daí o movimento de revisão cíclica de suas definições, suas estruturas, seus modos de operação – numa palavra, sua teoria.

Tem sido assim na constituição do campo de estudos do jornalismo no Brasil. Este dossiê de Pauta Geral recupera, organiza e interpreta o legado teórico de dez pesquisadores do jornalismo no país. O conjunto reforça as observações dos pesquisadores que se dedicaram a documentar o processo de configuração desse campo de estudos e que notaram a combinação, ao longo do século 20, de três eixos principais: as abordagens históricas, os textos profissionalizantes e as perspectivas teóricas. Em específico, os artigos deste dossiê demonstram que, mesmo em obras

---

<sup>1</sup>Doutor em Sociologia Política e professor do Departamento de Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC. E-mail: jacques.mick@ufsc.br

<sup>2</sup>Doutor em Mídia e Teoria do Conhecimento e professor do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC. E-mail: samuel.lima@ufsc.br

predominantemente históricas ou destinadas à formação profissional, os autores tiveram de enfrentar o desafio da teoria.

Os resultados desse embate intelectual são muito variados no conjunto de pesquisadores retratados neste dossiê, refletindo as diferentes linhagens de pensamento às quais se filiaram e as distintas estratégias de abordagem do jornalismo. “Teorias do jornalismo: identidades brasileiras” foi também título de um livro em que José Marques de Melo, em 2016, propôs um modo de classificar os estudos do campo, no entorno de uma sucessão de temas (mais empíricos do que teóricos, na verdade). Tanto no livro de Marques de Melo, cuja memória Pauta Geral homenageia com este dossiê, quanto nos artigos aqui reunidos, resta claro que não se constituiu uma personalidade brasileira para a teoria do jornalismo, ao contrário do que parece existir na península ibérica, na França ou no eixo anglo-saxônico. Isso não significa, contudo, que os esforços teóricos produzidos no Brasil sejam irrelevantes: em sua diversidade, constituem uma instigante contribuição para o desenvolvimento do campo de estudos no país, em diálogo com abordagens internacionais, e oferecem base para novos desenvolvimentos teóricos.

Em “O jornalismo de Barbosa Lima Sobrinho”, de Alexandro Kichileski e Carlos Augusto Locatelli, o tema das liberdades aparece sob a perspectiva do direito. Para o autor pernambucano, “a liberdade de imprensa não foi um favor dos governos, mas uma conquista da própria imprensa, que só a obteve com o apoio da opinião pública e o desenvolvimento das liberdades individuais”.

O entusiasmo com o ofício une-se à proposta de qualificá-lo por meio da formação dos profissionais, conforme outro autor pernambucano do início do século passado. Em “Luiz Beltrão e os movimentos iniciais da pesquisa em Jornalismo no Brasil”, Nayane Rodrigues Brito recupera os principais temas do legado do autor, em diálogo com sua fortuna crítica – em especial a divisão em três gêneros, informativo, interpretativo e opinativo. “Entre todas as atividades humanas, nenhuma responde tanto a uma necessidade do espírito e da vida social quanto o jornalismo”, escreveu Beltrão.

O artigo “A atualidade de Mário Erbolato para a pesquisa em jornalismo” mapeia a permanência das contribuições do autor nascido em Campinas nas discussões atuais sobre teoria da notícia e critérios de noticiabilidade, jornalismo especializado e rotinas produtivas. Gustavo Paulo Zonta e Raquel Ritter Longhi lamentam que poucos trabalhos

tenham discutido profundamente os estudos de Erbolato, para quem “as notícias são comunicações sobre fatos novos que surgem na luta pela existência do indivíduo e da própria sociedade”.

Tânia Regina de Faveri Giusti e Samuel Pantoja Lima também encontram atualidade num livro que, em 2018, completou 30 anos, “Padrões de manipulação da grande imprensa”, de Perseu Abramo. No artigo “As lições de Perseu Abramo sobre a manipulação na imprensa” Giusti e Lima realizam um balanço das inovações propostas pela classificação do autor. Para Abramo, em crítica à mídia jornalística de 1988, “o fato é apresentado ao leitor arbitrariamente escolhido dentro da realidade, fragmentado no seu interior, com seus aspectos correspondentes selecionados e descontextualizados, reordenados invertidamente quanto a sua relevância, seu papel e seu significado e, ainda mais, tendo suas partes reais substituídas por versões opiniáticas dessa mesma realidade”

Na revisão teórica da obra de outro autor fundamental, Karina Woehl de Farias revisa conceitos e práticas descritas no artigo “Nilson Lage: uma teoria do jornalismo a partir da prática”. O ponto de partida é a teoria da notícia, com ênfase em “Ideologia e Técnica da Notícia” (1979/2012), mais consagrada obra de Lage para os estudos em Jornalismo. A autora entrevistou o pesquisador aposentado, em janeiro de 2018, e complementa o artigo com seu olhar atual sobre as questões teóricas do jornalismo. “Continuo achando que é possível relatar o que se passa no mundo honestamente, com o viés possível da cultura, da classe, mas com uma narração objetiva, voltada para o objeto, não para o fim”, afirma Nilson Lage. “Sempre se investiu para dominar as pessoas, como os mecanismos de controle de opinião pública, todo conhecimento foi voltado para isso. Essa influência deformou o jornalismo.”

Rafael Rangel Winch, em seu artigo “Contribuições teóricas de Cremilda Medina para pensar complexamente o jornalismo”, recupera a obra da consagrada autora, notadamente voltada à compreensão da prática jornalística. Winch destaca a noção de “diálogo social que busca pensar o fazer jornalístico para além dos seus componentes técnicos”. O olhar complexo e relacional defendido por Cremilda Medina é apresentado, discutido e contraposto a algumas críticas a sua obra, de forma atual e original.

Ingrid Cristina dos Santos e Cárilda Emerim resgatam o trabalho de outro grande pesquisador do jornalismo no país, no texto “Aspectos teóricos sobre a vida e a obra de Sérgio Capparelli”. As autoras ressaltam o pioneirismo de Capparelli que, em 1983, publicou a obra “Televisão e Capitalismo no Brasil”, dedicada a compreender e analisar a tevê brasileira. Capparelli enfatiza, em entrevista concedida a uma das autoras deste artigo, que é central na sua obra a preocupação social, nas escolhas de temas, assim como na obtenção dos dados e na definição do estilo da narrativa científica e literária.

Em “Do cordel à midiatização: a pesquisa de Antônio Fausto Neto”, Juliana de Amorim Rosas realiza um apanhado histórico e cronológico da obra desse pesquisador de comunicação e jornalismo, bem como faz uma síntese de suas atuais pesquisas, envolvendo jornalismo, midiatização e o ofício do jornalista. O texto de Juliana permite destacar dois eixos na vasta obra de Fausto Neto: primeiro, a problemática da ideologia na produção simbólica, destacando sua pertinência para as análises das práticas de comunicação; segundo, o conceito de midiatização, visto enquanto fenômeno que corresponde a dinâmicas amplas, produzidas por processos complexos que incidem sobre a organização e o funcionamento da sociedade, em escala mundial.

Guilherme Gonçalves Longo e Valci Regina Mousquer Zuculoto refletiram sobre a obra de um dos mais consagrados pesquisadores da ética jornalística no Brasil, no artigo “Francisco Karam e suas contribuições para o campo jornalístico”. Os autores refletem sobre as principais questões teóricas e profissionais debatidas por Karam em sua produção bibliográfica de quase 30 anos, entre livros e artigos que abordam temáticas como a constituição do campo jornalístico, ética, moral e deontologia e o ensino de jornalismo, entre outros tópicos. Da obra do autor, Longo e Valci destacam dois conceitos centrais: a) a “argumentação dialética”, que Karam defende “como uma das principais bases do Jornalismo” e considera como um dos fatores mais relevantes para a construção da credibilidade jornalística; b) o conflito permanente entre o exercício da ética jornalística, os interesses das empresas e a defesa do interesse público – visto, especialmente, pela ótica organizacional e econômica das empresas jornalísticas em detrimento da defesa dos interesses da maioria da sociedade.

No último dos artigos deste dossiê, “Entre teoria, prática e ensino, a busca de Eduardo Meditsch pela afirmação de um campo”, Janaíne Kronbauer dos Santos e

Samuel Lima oferecem um balanço da obra do autor gaúcho radicado em Santa Catarina. Durante décadas, Meditsch argumentou em favor da autonomia para o campo de estudos do Jornalismo em relação à área da Comunicação. De acordo com Santos e Lima, na proposta do autor, “para avançar no campo epistemológico, primeiro o Jornalismo precisa se justificar enquanto profissão e, paralelamente, como disciplina científica”. Especificamente, para Meditsch, “é preciso distinguir [no jornalismo] entre teoria, disciplina e área de conhecimento”.

Esses dez autores brasileiros constituem uma amostra relevante de aportes teóricos ao campo de estudos do jornalismo, e muitos outros poderiam ser acrescentados, de José Marques de Melo a Adelmo Genro Filho ou Alberto Dines. Num momento em que o ciclo de transformações estruturais e desafios conjunturais do jornalismo encontra mais uma dobra no país – diante da ascensão de forças políticas de direita, avessas às liberdades de imprensa e expressão – os pesquisadores do tema poderão talvez encontrar inspiração nos autores aqui reunidos. Nascidos entre o final do século 19 e a metade do século 20, eles foram pioneiros na constituição desse campo acadêmico, mas também combatentes pelas liberdades – sobretudo, a liberdade de pensar e exercer a crítica.